AURORA OBREIRA

REVISTA Nº 37
ANO 3 - 2014
ABRIL

EDUCAR, ORGANIZAR, EMANCIPAR!

Aurora Obreira

Barricada Libertária, iniciativa de ação direta e local para divulgação e propaganda do anarquismo sem partido, sem religião, sem Estado.

Aurora Obreira

Número 37 - Abril 2014. Revista para divulgação do anarquismo atual e na construção de uma sociedade sem classes.

Redação: Barricada Libertária
Colaboração: Fenikso Nigra, Ovelha Negra, Boletim Operário, Artista Anarquista, Danças das Idéias
Esta revista foi feita em soft livre: Scribus, Libreoffice, Inkscape, Gimp, OS Mint 15

Contatos:
Barricada Libertária: lobo@riseup.net, barriliber@anarkio.net, barriliber@riseup.net
Fenikso Nigra: fenikso@riseup.net aŭ fenikso@anarkio.net

http://anarkio.net

EDITORIAL

Não podemos mais esperar por promessas vazias e ações paliativas, já mais que passou da hora de nos levantarmos e derrubar aqueles que se esforçam em nos escravizar através de ameaças e violências brutais.

As manifestações são legitimas e estaremos sempre nas ruas, nas organizações diretas contra o Estado omisso e seus partidos patifes que nos roubam e assassinam com suas falácias.

A luta se mantém mais atual do que nunca e em todas as esferas das relações humanas e ambientais.

Não adianta nos iludirmos em mundo de aparências se a realidade nos mostra que muita coisa precisa ser mudada e de forma radical, direta.

Sem partidos, sem Estado, sem patrões, lutamos!

Votamos nulo

Por Politica

De outro jeito!

Organização Autonoma

Sem PartiDos, sem Patrões,

Sem EstaDo!

Crise global
(um perspectiva no século XXI)

As economias nacionais estão interligadas, os bancos comerciais e os negócios (controlados por cerca de 750 corporações globais) transcendem os limites econômicos, o comércio internacional está integrado e os mercados financeiros de todo o mundo conectam-se por um sistema de telecomunicação em tempo real. A crise global pois, não está concentrada em uma única região do mundo e é muito mais complexa do que a do período entreguerras; suas consequencias sociais e implicações geopolíticas, de longo alcance, são sentidas particularmente neste incerto início do século XXI.

O movimento da economia global é regulado por um processo de cobrança de dívida em âmbito mundial, que sufoca as instituições do Estado nacional e contribui para eliminar empregos e reduzir atividade econômica. No mundo em desenvolvimento, o peso da dívida externa atinge mais de dois trilhões de dolares: países inteiros foram desestabilizados em consequencia do colapso das moedas nacionais e renegociações de dividas (Grécia, Itália, Espanha, Portugal, Ucrânia entre tantos), o que resultou frequentemente na eclosão de lutas sociais, conflitos etnicos e guerra civil. Parte disso se deve ao processo de reestruturação economica imposto pelos credores internacionais aos países em desenvolvimento desde o começo dos anos 80.

As reformas macroeconomicas são um reflexo concreto do sistema capitalista de pós-guerra e de sua evolução destrutiva. A

direção macroeconomica adotada nos âmbitos nacional e internacional desempenha um papel central no surgimento de uma nova ordem econômica: essas reformas regulam o processo de acumulação capitalista no mundo todo. Todavia esse não é um sistema de livre mercado: embora sustentado por um discurso neoliberal, o chamado "programa de ajuste estrutural" patrocinado pelas instituições oriundas de Bretton Woods e atualmente reafirmados no Forum Economico Mundial, constitui um novo esquema intervencionista.

Desde a crise da divida do início dos anos 80, a busca do lucro máximo tem sido engendrada pela política macroeconômica, ocasionando o desmantelamento das instituições do Estado, o rompimento das fronteiras economicas e o empobrecimento de milhões de pessoas em detrimento de um crescimento econômico pífio em todo o globo.

As instituições herdeiras de Bretton Woods desenvolveram um papel chave nesse processo de reestruturação econômica. Embora o Fundo Monetário Internacional (FMI) e Banco Mundial constituiam uma poderosa burocracia internacional (nas aparências de uma tutela intergovernos), a sede do poder político não se encontra nas instituições financeiras internacionais (IFIs) e seus principais acionistas, os governos dos países ricos. O FMI, o Banco Mundial e a Organização Mundial do Comércio (OMC, cuja a presidência está nas mãos do brasileiro Roberto Azevêdo, desde 2013 e irá até 2017) são estruturas administrativas, são orgãos reguladores operando dentro de um sistema capitalista e respondendo a interesses econômicos e financeiros dominantes. O que está em jogo é a capacidade dessa burocracia internacional em supervisionar as economias nacionais por meio da deliberada manipulação das forças de mercado.

Diante da desestabilização das macroáreas econômicas como no Mercado Comum Europeu e o Mercosul, há uma reedição de boa parte da cartilha de controle fiscal que tem desestruturado países com balança comercial já desequilibradas por anos por falta de investimento em áreas chaves.

A grande contribuição das reformas apresentadas pelo FMI têm sido cruciais no controle dos custos da mão-de-obra em grande

número dos países. Todavia, ao diminuir esses custos, afeta-se diretamente a expansão dos mercados consumidores, assim, elevando o empobrecimento de grandes setores da população mundial, derivado da reforma macroeconômica, porque reduz criticamente também o poder de compra.

Em cada fase da crise, o movimento se dá em direção à superprodução global e ao declínio da demanda do consumindor. Os baixos niveis salariais, tanto nos países em desenvolvimento com nos desenvolvidos, repercutem sobre a produção contribuindo para uma série de fechamentos e falências de fábricas. Reduzindo a capacidade de consumo da sociedade, as reformas macroeconômicas aplicadas em todo o mundo obstroem, por fim, a expansão do capital.

Com um sistema gerando superprodução, só é possível a "expansão" dos mercados das corporações internacionais e as sociedades mercantis com a neutralização ou destruição concomitante da base produtiva nacional/local dos países em desenvolvimento, por meio da desorganização e aniquilamento de sua produção destinada ao mercado interno. Só há uma expansão de exportações na medida da redução do poder de compra interno, introduzindo um item na oferta, o empobrecimento local. Pequenas e médias empresas são empurradas à falência ou obrigadas a produzir para um distribuidor global; empresas estatais foram ou são privatizadas quando não, fechadas simplesmente; avança o empobrecimento dos agricultores independentes; em suma, mercados em crescimento (emergentes) são criados à custa da mudança de seu modelo produtivo preexistente.

Atual modelo global econômico, caracteriza-se por duas forças que se contradizem: consolida-se uma economia de mão-de-obra barata mas na medida que necessita e procura de novos mercados consumidores. Uma arruina a outra. Ampliar mercados para as corporações globais precisa da destruição e fragmentação da economia doméstica. As barreiras para o movimento de dinheiro e mercadorias são removidas, se desregulariza o crédito, o capital internacional assume a terra e os bens do Estado.

Após o fim dos supostos antagonismos da guerra fria e a capitulação da URSS e boa parte dos países ditos

"socialistas/comunistas" ao sistema capitalista, adotando em "consenso" com os demais governos em todo o mundo, a agenda política liberal do fim do século XX. As reformas macroeconômicas adotadas em todo o mundo pelas intistituições financeiras tem consolidado a instabilidade e ampliado os efeitos das sucessivas crises em diversos países, globalizando de fato o ônus das reformas implementadas.

Há uma diferença nos mecanismos institucionais de controle fiscal nos países considerados "desenvolvidos". Neles, é muito pequeno o papel das instituições herdeiras do Bretton Woods, pois os credores pressionam diretamente os governos nacionais, sem necessidade de intermediação das supracitadas instituições. Os débitos das empresas paraestatais e de serviços publicos, e dos governos municipais, estatais e federais são separados com muito cuidado em categoria e "classificados" por mercados financeiros (Moody's e Standard&Poor por exemplo). Também há um atrelamento cada vez maior dos ministros da Fazenda com grandes firmas de investimento e bancos comerciais. A influência dos mercados financeiros nas politicas publicas dos países aumenta cada vez mais e tem dado o tom de decisões de cortes quase sempre nas áreas de bem-estar social com saúde e educação, as mais sacrificadas e mais necessárias paras a população, outra área muito afetada é o funcionalismo público, que tem sido reduzido na proporção que as administrações envolvidas com o empresariado privado, trasferem os serviços publicos para o setor privado, numa parceria nefasta para a população.

Com o aumento das dividas publicas dos governos, tem dado aos credores um aumento enorme de poder de influência, interferência na politica social e econômica das gestões, em muitos casos ditando as regras do jogo do qual estão sempre a ganhar.

Ampliando a recessão global, a economia mundial é controlada por uns poucos bancos internacionais e monopólios globais. Esses poderosos interesses financeiros e industriais entram cada vez mais em conflito com os da sociedade civil. Embora o fundamento do liberalismo seja a "competição", a politica macroenomica do G-8 tem sido, na prática de um controle rigido e fiscal, responsável de fusões e compras em corporação, bem como a falência planejada de

empresas de pequeno e médio porte.

Grandes companhias multinacionais têm assumido o controle de mercados em âmbito local, como na economia de serviços, por meio dos sistema de incorporação de franquias. Pequenas empresas são erradicadas ou encerradas, como as chamadas "franqueadas", na rede de um distribuidor global. Esse processo permite que o grande capital da corporação ("franqueador") tenha controle sobre o capital humano e o empreendimento. Boa parte dos lucros das pequenas firmas/varejistas e afins são apropriados dessa forma, embora o ônus das despesas de investimento seja assumido pelo produtor independente.

Um processo paralelo pode ser observado na Europa ocidental. Com o Tratado de Maastricht (O Tratado de Maastricht, formalmente Tratado da União Europeia, TUE, foi assinado em 7 de fevereiro de 1992 pelo membros da Comunidade Européia na vila de Maastricht, Países Baixos), o processo de reestruturação política da União Européia atende cada vez mais interesses financeiros dominantes às expensas da unidade das sociedades européias. Nesse sistema, o poder do Estado tem sancionado deliberadamente o progresso de monopólios privados: o grande capital destrói o pequeno em todas as suas formas. Com o avanço da formação de blocos econômicos, tanto na Europa como na América do Norte, o empresário local e regional é aniquilado, transforma-se a vida da cidade e eleimina-se a propriedade individual de pequena escala. O "livre comércio" e a integração econômica proporcional maior mobilidade à empresa global, enquanto, simultaneamente, suprimem (através de isenção de impostos e barreiras institucionais) o movimento do pequeno capital local. A "integração econômica" (sob o domínio da empresa global), embora apresentadno uma aparência de unidade política, promove frequêntemente corporações e facções e o conflito entre as sociedades nacionais e dentro delas.

A desintegração da "economia real" sob o impacto de reforma macroeconômica é acompanhada de um sistema financeiro global altamente instável. Desde a Segunda-feira Negra (A segunda-feira negra, assim chamado o dia 19 de Outubro de 1987, marcado pela queda de mais de 22.61% das acções da New York Stock Exchange

(Bolsa de Valores de Nova Iorque) em Wall Street), os analistas consideram quase uma derrocada total de Bolsa de Valores de Nova York, vem se desenvolvendo um padrão altamente volátil, marcado por convulsões frequentes e cada vez mais sérias nas principais bolsas valores, pela ruína de moedas nacionais no Leste Europeu, países do próprio CEE e pela queda espetacular dos novos “mecados financeiros periféricos” (México, Grécia. Bangcoc, Cairo, Bombaim) precipitada pela “realização de lucros” e pela súbita retirada dos grandes investidores institucionais. Assim, os mercados de ações periféticos trasnformaram-se em um novo meio de extração de excedentes de países em desenvolvimento.

Floresce de um novo ambiente financeiro surgido das megafusões de corporações, uma nova geração de financeiras agrupadas em torno dos bancos mercantis: investidores institucionais, corretoras de ações, grandes companhias de seguros, etc. Nesse processo, as funções dos bancos comerciais aglutinaram-se com as dos bancos de investimento e das corretoras de ações.

Com um poder enorme nos mercados financeiros, esses “administradores de dinheito”, contrariamente estão afastados de funções empresariais na economia real. Suas atividades (que escapam da regulamentação do Estado) incluem transações especulativas no mercado de futuros, derivativos (cuja a ideia básica dos agentes econômicos, em relação com os derivativos, é obter um ganho financeiro nas operações de forma a compensar perdas em outras atividades econômicas. Desvalorização cambial e variações bruscas nas taxas de juros são exemplos de situações que já ocorreram na economia, nas quais os prejuízos foram reduzidos ou até se transformaram em ganhos para os agentes econômicos que protegeram os seus investimentos realizando operações com derivativos) e manipulação de mercados monetários. Os grandes operadores financeiros estão rotineiramente envolvidos em “depósito de hot money” nos “mercados emergentes” da América Latina e do Sudeste Asiático, sem falar na lavagem de dinheiro e no estabelecimento de “bancos privados” (especializados em “dar assessoria cliente ricos”) em muitos paraísos bancários do exterior. O movimento diário de transações com divisas estrangeiras é em torno de U$1 Trilhão por dia, do qual apenas 15% correspondem

efetivamente ao comércio de commodities e fluxos de capital. Uma circulação muito rápida de dinheiro ocorre entre paraísos bancários, na forma de transferências eletrônicas. O processo de desregulamentação do sistema financeiro tem facilitado atividades "legais" e "ilegais" e grande somas de riquezas privadas não declaradas se formaram.

A globalização da pobreza a beira de um colapso ambiental no século XXI não tem precedente na história mundial. Todavia, essa pobreza não se deve a uma "escassez" de recursos humanos e materiais, mas antes, a um sistema global de oferta excessiva nutrido pelo desemprego e pela minimização do preço da mão-de-obra em todo o mundo.

Não há soluções objetivas e fáceis para a crise financeira global. A simples acusação a governos nacionais e à burocracia sediada em Washington não pode constituir a base da ação social. Os agentes financeiros, até mesmos os bancos e corporações transnacionais, devem ser colocados em xeque. Movimentos sociais e organizações populares, agindo solidariamente de forma ampla (local, regional e mundial), devem ter por alvos os vários interesses financeiros que se alimentam desse destrutivo/excludente modelo econômico.

Avançar na criação de espaços amplos de discussão e controle financeiro, atendendo pessoas oprimidas e exploradas é um passo importante. Negar e construir uma prática transparente administrativa, atendendo de forma prioritária todas as demandas básicas sociais deixando de lado o modelo clientelista/reformista/excludente de gestão mundial, orientada como descrito pode interesses dos poderosos ambiciosos/gananciosos globais.

A comunidade mundial deve reconhecer o fracasso da agenda liberal (neo?) dominante no século XXI. À medida que a crise vai se ampliando, há cada vez menos vias políticas disponíveis. Além disso, sem reformas econômicas e sociais fundamentais, a ruína financeira mundial não pode ser contida. É de crucial importância a articulação de novas uma nova administração economica da produção e distribuição, que atenda a diminuição da pobreza e emancipação de pessoas oprimidas e exploradas.

O que resta saber é se esse sistema economico global, baseado no

incessante acúmulo de riqueza privada, pode ser submetido a um processo de transformação siginificativo, ou seja, se as alterações profundas nas regras do comércio e das finanças mundiais, implicando a remodelação ou abandono da Organização Mundial do Comércio (OMC) e das instituições de Brettons Woods.

Não há "soluções técnicas" para a crise. É improvável que se implemente "reformas" significativas ou que se vá mais longe sem uma persistente luta social. O que está em jogo é a maciça concentração de riqueza financeira e o domínio dos recursos reais por uma minoria social que também controla a emissão de moeda no interior do sistema bancário internacional.

A "reapropriação da política monetária, da economia" pela sociedade, tirando a estrutura economica das garras dos credores privados, é uma parte da luta que precisa contar com a participação efetiva de todas as pessoas oprimidas e exploradas de nossa mundo, uma mundialização da luta é fundamental, uma solidariedade e união sem precedentes na história precisa ser realizada. O sistema econômico global alimenta-se do isolamento/dissenção social entre países e dentro deles. Mesmo com a diversidade e pluralidade mundial, nossa união será a chave para a luta final, a emancipação definitiva de todas as pessoas exploradas e oprimidas.

CONTRA O
TOTALITARISMO,
PATRIARCADO,
CAPITALISMO,
MACHISMO,
A LUTA
É TODO
DIA!
anarkio.net
Danças das Idéias
LSOC
BO
Boletim Operário
A.T.B
fenikso@riseup.net

Por uma associação sindical revolucionária no Brasil

A Relevância do anarco-sindicalismo

Noam Chomsky, entrevistado por Peter Jay

A entrevista de Jay, 25 de julho de 1976 (Continuação e final)

PERGUNTA: Não há o perigo de que esta visão das coisas seja uma ilusão bastante romântica, concebida apenas para uma pequena elite de pessoas, como professores, talvez jornalistas, e assim por diante, para manter uma situação privilegiada de ser remunerado para fazer o eles gostam de fazer.

Chomsky: É por isso que começou com um grande "Se". Eu disse que primeiro tem que perguntar em que medida o trabalho necessário da sociedade - a saber o trabalho que é necessário para manter o padrão de vida que queremos - tem de ser onerosa ou indesejáveis. Eu acho que a resposta é: muito menos do que é hoje. Mas vamos supor que há alguma medida em que continua a ser oneroso. Bem, nesse caso, a resposta é muito simples: que o trabalho tem de ser igualmente partilhado entre as pessoas capazes de fazê-lo.

PERGUNTA: E todo mundo gasta um certo número de meses do ano trabalhando em uma linha de produção de automóveis e um certo número de meses recolhendo o lixo e ...

Chomsky: Se se verificar que estas são realmente as tarefas que as pessoas vão encontrar nenhuma satisfação. Aliás, eu não acredito muito que isso ajude. Enquanto eu vejo as pessoas que trabalham, artesãos,

digamos, em mecânica de automóveis, por exemplo, que muitas vezes encontram uma boa dose de orgulho em trabalhar. Eu acho que esse tipo de orgulho pelo trabalho bem feito, em um complicado trabalho bem feito, porque leva o pensamento e a inteligência para fazer isso, especialmente quando se está também envolvida na gestão da empresa, a determinação de como o trabalho será organizado, o que é a favor, o que os efeitos do trabalho são, o que vai acontecer a ele, e assim por diante - Eu vejo que tudo isso pode ser satisfatório e uma gratificante atividade que de fato requer competências, o tipo de habilidades que as pessoas desfrutarão no exercício realizado. No entanto, estou pensando hipoteticamente agora. Suponha que há algum trabalho residual que realmente ninguém queira fazer, seja ele qual for - Ok, então eu digo que o trabalho residual deva ser igualmente partilhado e, além disso, as pessoas serão livres para exercer suas talentos como entenderem.

PERGUNTA: Mas, professor, se esses trabalhos residuais forem grandes, como algumas pessoas possam dizer, que signifiquem 90% da produção -, mesmo compartilhando esse trabalho com cada um, mas sem uma organização, seria ineficiente. Vemos que mesmo trabalhos residuais precisam de treino e equipamento e isso não seria uma perda na qualidade de vida.

Chomsky: Bem, para uma coisa, isso é realmente muito hipotético, porque eu não acredito que os números são nada disso. Como digo, parece-me que, se a inteligência humana foram dedicadas a perguntar como a tecnologia pode ser projetado para atender às necessidades do produtor humanos, em vez do contrário - isto é, agora perguntamos como o ser humano com suas propriedades especiais podem ser instalados em um sistema tecnológico destinadas para outros fins, nomeadamente, a produção para o lucro - o meu sentimento é que se isso fosse feito, poderíamos achar que o trabalho realmente indesejada é muito menor do que você sugere. Mas seja o que for, repare que temos duas alternativas. Uma alternativa é tê-lo em partes iguais, a outra é a concepção das instituições sociais, para que algum grupo de pessoas serão simplesmente obrigados a fazer o trabalho, sob pena de inanição. Essas são as duas alternativas.

PERGUNTA: Não é obrigado a fazê-lo, mas eles poderiam

concordar em fazê-lo voluntariamente, porque seriam pagos com um montante que faça valer a pena.

Chomsky: Bem, mas você vê, eu estou supondo que todos essencialmente recebe uma remuneração igual . Não se esqueça que não estamos falando de uma sociedade agora, onde as pessoas que fazem o trabalho pesado são pagos substancialmente mais do que as pessoas que fazem o trabalho que fazem por escolha -muito pelo contrário. A forma como a nossa sociedade funciona, a forma como qualquer sociedade de classes funciona, as pessoas que fazem o trabalho indesejados são as que recebem menos. Esse trabalho é feito mas colocado fora de nosso campo de visão, pois é assumido que haverá uma classe enorme de pessoas que controlará apenas um fator da produção, ou seja, seu trabalho, e tem que vendê-lo, e há aqueles trabalhos que deverão ser feitos e alguém o fará. Aceito sua observação. Vamos imaginar três tipos de sociedade: uma, atual, em que o trabalho não desejado é dado aos escravos assalariados. Vamos imaginar um segundo sistema em que o trabalho indesejado, depois de todos os esforços para torná-lo significativo, é compartilhado. E vamos imaginar um terceiro sistema onde o trabalho indesejado recebe alta remuneração extra, para que as pessoas voluntariamente possam optar por fazê-lo. Bem, parece-me que qualquer um dos dois últimos sistemas é consistente com -vagamente falando- princípios anarquistas .Eu prefiro, por minha escolha, pela segunda em vez do terceira, mas qualquer uma das duas estão distantes a partir de qualquer organização social presente ou qualquer tendência na organização social contemporânea.

PERGUNTA: Deixe-me apresentar de outra forma. Parece-me que há uma escolha fundamental , porém uma disfarçada, entre se você organizar o trabalho para a satisfação que dá às pessoas que o fazem, ou se você organizá-lo em função do valor do que é produzido pela pessoas que estão indo para usar ou consumir o que é produzido. E que uma sociedade que se organiza em função de dar a todos a oportunidade máxima para cumprir os seus hobby, que é essencialmente a visão de trabalho -para – trabalho voluntário, encontraremos sua culminação lógica em um mosteiro, onde o tipo de trabalho que é feito, ou seja, a oração, é um trabalho para o auto-enriquecimento do trabalhador e onde nada é produzido, que é de alguma utilidade para alguém e você

vive ou em um baixo padrão de vida, ou você realmente corre o risco de morrer de fome.

Chomsky: Bem, existem algumas suposições factuais aqui, e eu discordo com você sobre os pressupostos factuais. Meu sentimento é que parte de quem faz um trabalho significativo é que não tenha uma utilidade significativa, mas que os seus produtos possam ter. O trabalho do artesão é, em parte significativa para que artesão por causa da inteligência e habilidade que ele coloca para ele, mas também, em parte, porque o trabalho é útil, e eu poderia dizer que o mesmo é verdade para os cientistas. Quero dizer, o fato de que o tipo de trabalho que você pode levar a outra coisa - que é o que significa na ciência, você sabe - pode contribuir para uma outra coisa, que é muito importante para além do requinte e beleza do que você pode alcançar. E eu acho que abrange todos os campos da atividade humana. Além disso, eu acho que se olharmos para uma boa parte da história da humanidade, veremos que pessoas de forma substancial obtenham algum grau de satisfação - muitas vezes uma grande quantidade de satisfação - a partir do trabalho produtivo e criativo que eles estavam fazendo. E eu acho que as chances são enormemente reforçada pela industrialização. Por quê? Precisamente porque a maior parte do trabalho pesado mais sem sentido pode ser tomado por máquinas , o que significa que as possibilidades de trabalho humano realmente criativo é substancialmente ampliada.
Agora, você fala do trabalho realizado livremente como um hobby. Mas eu não acredito nisso. Acho que o trabalho realizado livremente pode ser útil trabalho, em muitos casos também bem feito. Além disso, você representa um dilema que muitas pessoas colocam, entre o desejo de satisfação no trabalho e um desejo de criar coisas de valor para a comunidade. Mas não é tão óbvio que não há dilema, como qualquer contradição. Assim, é de nenhuma maneira clara - na verdade, eu acho que é até falsa - que algo que contribua para o aprimoramento de prazer e satisfação no trabalho seja inversamente proporcional ao que contribui para o valor final feito.

PERGUNTA: Não inversamente proporcional, mas pode não estar relacionado . Quer dizer, tomar alguma coisa muito simples, como a venda de gelados na praia em um feriado público. É um serviço para a sociedade: sem dúvida, as pessoas querem gelados, está quente. Por outro lado , é difícil ver em que sentido, não há nem

alegria de um artesão ou um grande senso de virtude social ou nobreza em realizar essa tarefa. Por que alguém iria executar essa tarefa se não foram recompensados por isso?

Chomsky : Devo dizer, eu já vi alguns vendedores de sorvete muito felizes …

PERGUNTA: Com certeza, eles estão fazendo um monte de dinheiro.

Chomsky: ... que por acaso gosto da idéia de que eles estão dando às crianças gelados, o que me parece uma maneira perfeitamente razoável para gastar o seu tempo, em comparação com milhares de outras ocupações que eu possa imaginar.
Lembre-se que uma pessoa tem uma ocupação, e parece- me que a maioria das profissões que existem - especialmente os que envolvem o que são chamados de serviços , isto é , as relações com os seres humanos - têm uma satisfação intrínseca e recompensas associados a eles , ou seja, nas relações com os seres humanos que estão envolvidos. É verdade no ensino, e é verdade na venda de sorvete. Concordo que a venda de sorvete não exige um compromisso ou a inteligência que o ensino necessita, e talvez por essa razão , seria uma ocupação menos desejada. Mas se assim for, terá que ser compartilhada.
No entanto, o que eu estou dizendo é que na nossa suposição a característica que o prazer no trabalho, orgulho no trabalho, é ou não relacionado ou negativamente relacionada com o valor da produção está relacionado a uma fase particular da história social , ou seja, o capitalismo , em que seres humanos são ferramentas de produção. Isso tem um fundo de verdade. Por exemplo, se você olhar para as muitas entrevistas com trabalhadores em linhas de montagem, por exemplo, que tem sido feito por psicólogos industriais, você vê que uma das coisas que se queixam de uma e outra vez é o fato de que o seu trabalho pode simplesmente "ser melhor feito", o fato de que a linha de montagem passa tão rápido que eles não podem fazer o seu trabalho corretamente. Aconteceu de eu olhar recentemente em um estudo de longevidade , de alguma revista em gerontologia que procurou traçar os fatores que você pode usar para prever a longevidade - conhecido, o consumo de cigarros e bebidas, fatores genéticos - tudo foi olhado. Descobriu-se, de fato, que o maior fator, o fator de maior sucesso, foi a satisfação no trabalho.

PERGUNTA: As pessoas que têm empregos bons vivem mais tempo.

Chomsky: Pessoas que estão satisfeitas com seus empregos. E eu acredito que faz uma boa dose de bom senso, você sabe, porque é onde você gasta a sua vida , que é onde as suas atividades criativas são. Agora, o que leva à satisfação no trabalho? Bem, eu acho que muitas coisas levam a ele, e os conhecimentos que você está fazendo algo útil para a comunidade é uma parte importante dela. Muitas pessoas que estão satisfeitas com o seu trabalho são as pessoas que sentem que o que eles estão fazendo é importante para fazer. Eles podem ser professores, eles podem ser médicos, que podem ser os cientistas , eles podem ser artesãos, eles podem ser os agricultores. Quer dizer, eu acho que a sensação de que o que se está fazendo é importante, vale a pena fazer, contribui para as pessoas com quem se tem laços sociais, é um fator muito importante em sua satisfação pessoal.
E para além de que não é o orgulho e a auto-realização que vem de um trabalho bem feito - de simplesmente tomar suas habilidades e colocá-los para uso. Agora, eu não vejo por que deveria, de qualquer forma prejudicar, na verdade eu acho que iria melhorar, o valor do que é produzido.
Mas vamos ainda que imaginar em algum nível que faz mal. Bom, tudo bem, naquela altura, da sociedade , da comunidade , deve decidir como fazer acordos. Cada indivíduo é ao mesmo tempo um produtor e um consumidor, depois de tudo, e isso significa que cada indivíduo tem de participar desses compromissos socialmente determinadas - se de fato existem compromissos. E mais uma vez eu sinto a natureza do compromisso é muito exagerada por causa do prisma de distorção do sistema realmente coercitivo e pessoalmente destrutivo em que vivemos.

PERGUNTA : Tudo bem, você diz que a comunidade tem poder para tomar decisões sobre os compromissos, e, é claro, a teoria comunista prevê isso em toda a sua reflexão sobre o planejamento nacional, as decisões sobre investimento, a direção dos investimentos, e assim por diante. Em uma sociedade anarquista, parece que não está disposto a fornecer para essa quantidade de superestrutura governamental que seria necessário para fazer os planos, a tomar as decisões de investimento, para decidir se dar

prioridade ao que as pessoas querem consumir, ou se você dá prioridade ao trabalho as pessoas querem fazer.

Chomsky : Eu não concordo com isso. Parece-me que no anarquismo, ou, para que já foi falado, estruturas da esquerda marxista, com base em sistemas de conselhos e federações de trabalhadores, fornecem exatamente um conjunto de níveis de tomada de decisão em que as decisões derivam de um plano nacional. Da mesma forma, as sociedades socialistas estatais também fornecem um nível de tomada de decisão - digamos que a nação - em que os planos nacionais podem ser produzidos. Não há nenhuma diferença nesse aspecto. A diferença tem a ver com a participação nessas decisões e controle sobre essas decisões. Na visão dos anarquistas e da esquerda marxistas – como entendo os conselhos de trabalhadores ou os comunistas de conselhos - essas decisões são feitas pela classe trabalhadora que informa através de suas assembléias e seus representantes diretos, que vivem entre eles e trabalham com eles. Nos sistemas socialistas de Estado, o plano nacional é feito por uma burocracia nacional, que acumula para si toda a informação relevante, toma as decisões e as oferece ao público, dizendo: " Você pode me escolher ou você pode executar, mas somos todos parte da mesma burocracia." Estes são o pólos, e pólos opostos dentro da tradição socialista.

PERGUNTA : Então, de fato, não há um papel muito importante para o Estado e, possivelmente, até mesmo para os funcionários públicos e para a burocracia, mas é o controle sobre eles que é diferente.

Chomsky: Bem, veja, eu realmente não acredito que precisamos de uma burocracia específica para os decisões governamentais .

PERGUNTA : Você precisa de vários niveis administrativos.

Chomsky: Oh, sim, mas vamos entender o que diz respeito ao planejamento econômico, porque, certamente, em qualquer sociedade industrial complexa deve haver um grupo de técnicos cuja tarefa é a elaboração de planos, e para expor as consequências das decisões, para explicar a as pessoas que têm de tomar as decisões, pois o que você decidir, é provável que você obtenha tal resultado, porque é isso que o modelo programado refere-se, e assim por diante. Mas o ponto é que esses

sistemas de planejamento estão, nas próprias indústrias, e eles terão conselhos de seus trabalhadores e eles vão fazer parte de todo o sistema de conselho mais amplo, e a distinção é que estes sistemas de planejamento não tomam decisões. Eles produzem planos exatamente da mesma forma que as montadoras produzem automóveis. Os planos já estão disponiveis para os conselhos de trabalhadores e para as assembléias do conselho, da mesma forma que os automóveis estão disponíveis para serem montados.
Agora, é claro , que isso requer pessoas trabalhadoras sejam informadas e educadas. Mas isso é precisamente realizável nas sociedades industriais avançadas.

PERGUNTA : Em qual medida que o sucesso do socialismo libertário ou anarquismo realmente depende de uma mudança fundamental na natureza do homem, tanto em sua motivação, seu altruísmo, e também em seu conhecimento e sofisticação?

Chomsky: Eu acho que não dependa apenas dele, mas, de fato, todo o propósito do socialismo libertário é que ele vá contribuir nesse sentido. Contribuirá para uma transformação espiritual - precisamente um tipo grande de transformação na forma como os seres humanos concebem a si mesmos e sua capacidade de agir, de decidir, de criar, de produzir, de perguntar - precisamente que a transformação espiritual que os pensadores sociais das tradições de esquerda marxista, como Luxemburgo, por exemplo, e também através dos anarco-sindicalistas, que sempre enfatizam isso. Assim, de um lado, é necessário uma transformação espiritual. Por outro lado, o seu objectivo é a criação de instituições que contribuam para essa transformação da natureza do trabalho, a natureza da atividade criadora, simplesmente em laços sociais entre as pessoas, e através dessa interação de criação das instituições que permitam novos aspectos da natureza humana que venham a florescer. E, em seguida, a construção de instituições ainda mais libertárias para que esses seres humanos liberados possam contribuir. Este é o desenvolvimento do socialismo como eu o entendo.

PERGUNTA : E finalmente, Professor Chomsky, acredita que há chances de sociedades como as descritas aqui possam ocorrer nos principais países industrializados do Ocidente no próximo quarto

de século ou algo assim?

Chomsky : Eu não acho que eu sou sábio o bastante nem informado o suficiente, para fazer previsões e eu acho que as previsões sobre tais assuntos mal compreendidos, provavelmente e geralmente refletem mais de nossa personalidade do que algo real. Mas eu acredito muito, pelo menos posso dizer: há tendências óbvias no capitalismo industrial para a concentração do poder em impérios econômicos estreitos, que são cada vez mais Estados totalitários. Estas são as tendências que vêm acontecendo há muito tempo, e eu não vejo nada que possa realmente pará-los. Eu acredito que essas tendências continuarão. Faz parte da estagnação e declínio das instituições capitalistas.

Agora , parece-me que o desenvolvimento rumo ao totalitarismo do Estado e para a concentração econômica - e , é claro, eles estão muito ligados – continuarão estimular a revolta, em esforços de libertação pessoal e esforços organizacionais de libertação social. E isso vai levar a todos os tipos de possibilidade. Ao longo de toda a Europa, de uma forma ou de outra, há uma chamada para coisas do tipo participação dos trabalhadores ou uma co-gestão, ou mesmo, por vezes, o controle dos trabalhadores. Ainda assim, a maioria destes esforços são mínimos. Eu penso que eles se enganando - na verdade, podem até prejudicar os esforços de libertação da classe de pessoas trabalhadoras. Mas, em parte, estão sensíveis a uma forte intuição e compreensão que a coerção e repressão, seja pelo poder econômico privado ou pela burocracia do Estado, não é de forma alguma uma característica necessária para vida humana.

E quanto mais essas concentrações de poder e autoridade continuam, mais veremos repulsa contra elas e mais os esforços para organizar e derrubá-las teremos. Mais cedo ou mais tarde, isso obterá sucesso, eu espero.

PRIMEIRO
MAIO
COMBATIVO
anarkio.net
QUANDO PESSOAS OPRIMIDAS E EXPLORADAS
LUTAM UNIDAS NOS CAMPOS E NAS CIDADES!
Danças das Idéias
ASSOCIAÇÃO DXS TRABALHADORXS BRASILEIRXS
A.T.B
BO
Boletim Operário
FENIKSO NIGRA - Ekde 2005 en la lukto - ANARKIO, FLORU TIO IDEO!
LSOC
Liga Sindical Operária Camponesa
fenikso@riseup.net

COPA PARA QUEM?

Oito trabalhadores mortos na construção de estádios para os ricos!

Copa feita com sangue de trabalhadores pobres

Copa feita contra a vontade do povo

Copa feita as custas de desalojamento de pobres e indígenas

Copa feita apenas para quem pode pagar!

Nunca é tarde para expressar a sua insatisfação!

Listas Libertárias

Fenikso Nigra <fenikso@lists.riseup.net>

fenikso-subscribe@lists.riseup.net

Expressões Anarquistas <expressoesanarquistas@lists.riseup.net>

expressoesanarquistas@lists.riseup.net

mais info: lobo@riseup.net